

A hora é fugir dos financiamentos e poupar

Consultores recomendam aproveitar os juros altos e economizar para o futuro

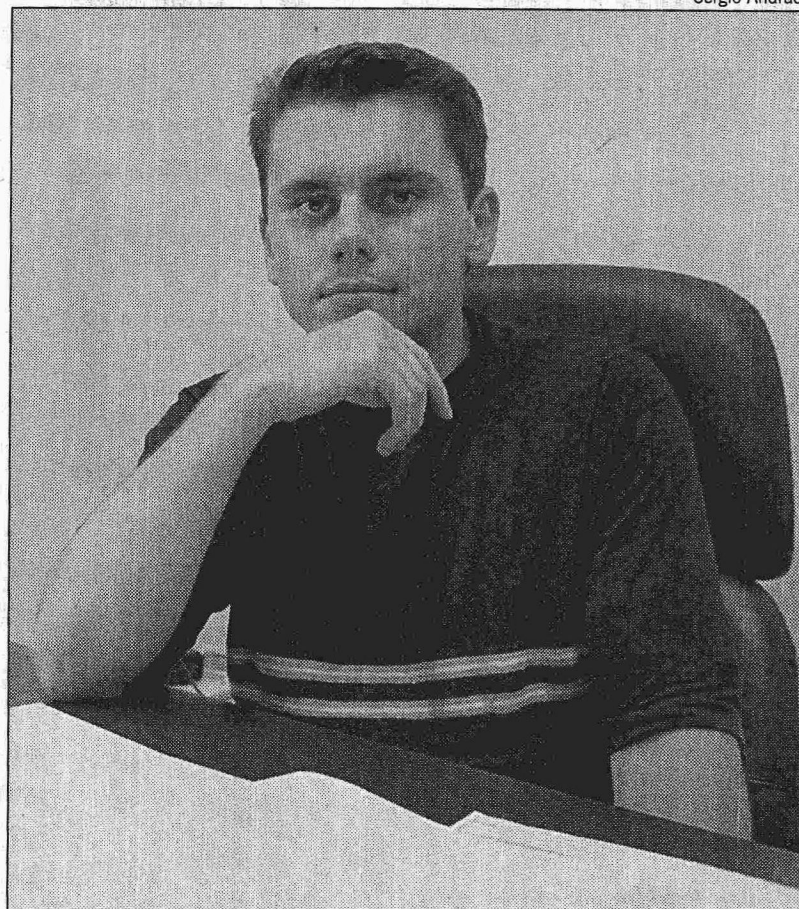
Cristina Canas

• SÃO PAULO. Aqui vai um aviso para quem, assustado com a crise, está pensando em sacar o dinheiro do banco ou usar suas economias para comprar algum novo bem: desista da idéia, principalmente se essa compra envolver financiamento. O aviso parte de especialistas e consultores financeiros como Louis Frankenberg, que está orientando seus clientes a tirar vantagem das altas taxas de juros e manter suas aplicações. Frankenberg leva em conta também o fato de o país estar atravessando um período marcado por recessão e volta da inflação. Segundo ele, essa situação recomenda manter uma poupança para possíveis adversidades, como desemprego ou aumento de gastos fixos na família.

— Tirar o dinheiro das aplicações financeiras por medo da desvalorização cambial é um absurdo. O que acontece com o câmbio não tem nada a ver com as aplicações em real — disse.

Aplicadores que ficaram desesperados tiveram prejuízo

O pior erro comete quem se apavora e saca seus recursos das aplicações antes da data prevista. O investidor que fez um depósito na caderneta de poupança no início de janeiro e sacou na última semana, quando foram fortes os boatos de confisco, perdeu remuneração de 1,92%, segundo estimativa do economista Marcos Silvestre, da Forex-Centro Brasileiro de Orientação de Finanças Pessoais. Essa conta considera a perda do rendimento da poupança (de 1,32% em média), a alíquota da CPMF paga na transação (0,20%) e o IOF de 0,38% que terá de ser pago na reaplicação dos recursos. Se o dinheiro estava num fundo de trinta dias, a perda foi ainda maior — de 2,35%. Esse é o



ERIC STEMPLIUC fez um saque antecipado da poupança e perdeu R\$ 30

caso de Eric Stempliuc, que tirou R\$ 3.000 da poupança no dia 29. Ele deixou de ganhar R\$ 30. Ainda assim não se arrependeu.

— Estou economizando para trocar o meu carro e esse é o preço que pago para ficar tranquilo. Vou esperar pelo menos um mês para voltar a aplicar — diz.

Para quem está inseguro e cogita comprar um ativo real (carro ou imóvel), a recomendação também é deixar a idéia de lado. Os imóveis, por exemplo, estão sobrevalorizados e sua compra exige gastos com corretagem e documentação. No aluguel, a rentabilidade bruta está entre 0,8% e 1% ao mês, segundo Silvestre, da Forex. Ele alerta que é necessário descontar os gastos com a recu-

peração do imóvel na troca de inquilino, o tempo que o imóvel fica vazio e o imposto de renda que pode atingir 27,5%.

Se o imóvel for para uso próprio, a idéia só é válida para pagamento à vista, evitando a armadilha dos juros altos. Para começar, nada de fechar negócio sem um desconto de 5%, no mínimo. Para ser considerado um bom negócio, só se o desconto atingir 20%. Financiamento, nem pensar. Pelas melhores condições do mercado isso custará variação da Taxa de Referência (TR) mais o juro real de 12% ao ano.

Na compra de um carro, o custo é ainda mais salgado. Segundo levantamento da Associação Nacional dos Executivos de Finan-

ças, Administração e Contabilidade (Anefac), os bancos das montadoras, que cobravam juro anual de 44,75% antes da desvalorização, agora estão com taxa de 59% ao ano, em média. Além disso, a depreciação do valor do carro é muito rápida. Na saída da concessionária, a perda já atinge 20%, no caso de alguns modelos. A cada ano de uso, soma-se uma desvalorização de 10%, em média.

Especialistas recomendam pagar todas as dívidas

Uma das recomendações dos consultores é para que as pessoas reduzam todas as suas dívidas e não somente aquelas indexadas ao dólar. Com os juros atuais, quem tem uma dívida está perdendo dinheiro. No comércio de bens duráveis, a taxa pulou de 173,62% para 182,82% ao ano depois da desvalorização. Nas financeiras, o custo do empréstimo passou para 375,24%, contra 262,92% no início de janeiro. Contratos com juros prefixados não foram atingidos pela alta recente dos juros, mas isso não significa que eles também não possam ser renegociados. O consumidor pode pedir um desconto para o abate antecipado da dívida.

— Qualquer dívida no momento é perigosa, porque estamos em fase de aumento de desemprego e inflação — diz Frankenberg.

A recomendação de Frankenberg é para que pelo menos metade do patrimônio familiar seja dirigido a aplicações financeiras. Para médios e pequenos aplicadores, a recomendação de Silvestre é a poupança e os fundos de renda fixa. Mas ele faz uma ressalva: até abril as chances de rentabilidade real negativa são grandes. Isso porque a inflação poderá superar os juros pagos nessas aplicações. Mesmo assim, Silvestre estima rentabilidade real de 10% na poupança no ano. ■

Sérgio Andrade